

Uma pequena esfera iridescente*

por Claudia Amigo Pino
Universidade de São Paulo

Notas em torno de *Os processos de criação. Na escritura, na arte e na psicanálise*, de Philippe Willemart. São Paulo: Perspectiva, 2009.

Apesar de dois capítulos do livro serem “contra” a autobiografia, começarei esta resenha com uma pequena narrativa autobiográfica. Espero que o autor não tenha nada contra.

Quando vim para São Paulo, em 1997, para fazer o curso de pós-graduação, Mestrado, orientada por Philippe Willemart, não conhecia ainda seus livros. Nos agradecimentos da minha tese de

doutorado, defendida em 2001, eu me detive especialmente nos seus textos que tanto me inspiraram e incentivaram.

Gostaria de narrar como foi a descoberta desses textos. Não sei por que, a primeira indicação de leitura como orientador foi o *Universo da Criação Literária*, de 1993. Uma semana ou um mês depois, com a leitura concluída, fui ao seu gabinete e disse (lembro bem da palavra que usei): “estou chocada”.

* Texto apresentado no lançamento do livro *Processos de criação*, na Livraria da Vila (Fradique Coutinho), em setembro de 2009.

Não sei se consegui explicar bem os meus argumentos para usar essa palavra. Eu estava chocada, porque não concebia que alguém, nos anos 90, assumisse uma busca tão marcadamente teórica e interdisciplinar, tão pouco ancorada em um objeto. Já naquela altura do meu percurso, sabia que os estudos literários eram um problema de especialistas e que o meu objetivo seria apenas trazer alguma interpretação “nova” sobre a obra de um autor. Nos escritos de Philippe Willemart, eu via outro caminho que permitia pensar a obra literária como uma porta de entrada a uma reflexão sobre o sujeito e, sobretudo, sobre como ele se constitui por meio da escrita.

O que eu pesquisava naquele momento, uma obra inacabada do

escritor francês Georges Perec, adquiria outro sentido: perdia seu papel de “objeto” da minha pesquisa e se transformava em um meio pelo qual eu tentaria refletir sobre como os escritores escrevem, por que escrevem dessa maneira, e como essas formas de escrita nos ajudam a entender a maneira de o ser humano pensar e ordenar o mundo. Assim, meu objeto, uma obra que ninguém conhecia e de um autor que ninguém entendia o nome, de repente tinha se tornado uma espécie de *Aleph*, o ponto imaginado por Borges, onde todo o universo seria revelado, as criaturas do mar e todos os grãos de areia dos desertos, os cadáveres enterrados e suas obscenas cartas de amor guardadas nas gavetas, o

passado e o futuro, o exterior e o interior do corpo e o complicado mecanismo do amor.

“Chocada” era uma palavra insuficiente. Com o tempo, com o estágio no ITEM, com a qualificação, com o diálogo com os meus colegas, com as tentativas de explicar o meu trabalho em congressos, com o trabalho como monitora em sala de aula, percebi que nem todo mundo conseguia ver esse *Aleph*. Ali onde meu orientador via o universo, ali onde eu achava que também via uma parte desse universo, a maioria dos críticos via a ausência do objeto. As minhas aspirações iniciais de escrever uma tese teórica, que tivesse um título que abarcasse a criação por inteiro, foram pouco a pouco reprimidas pelo meio em que me encontrava.

Porém, ao ler pela primeira vez o título do seu último livro, *Os processos de criação na escritura, na arte e na psicanálise*, percebo que ele nunca abandonou essa aspiração que tanto me chocou em um primeiro contato e – pelas minhas próprias repressões incorporadas – continua chocando. Não é o caso pontual deste livro, praticamente todos os seus títulos (*Escritura e linhas fantasmáticas; Universo da criação literária; Além da psicanálise: a literatura e as artes; Bastidores da criação literária*, entre outros) seguem essa mesma lógica do universo completo contida em uma frase.

A aspiração universalista não se restringe ao título. Mesmo sendo o livro concebido como uma coletânea de trabalhos

pontuais, cada texto, partindo de pontos e seguindo caminhos diferentes, procura e desenvolve grandes “explicações”, cujo objetivo é sempre explicar muito mais do que aquele objeto inicial e do que o caminho escolhido.

É o caso da primeira parte do livro, que apresenta diferentes teorias da criação da física, da biologia, da psicanálise para entender o manuscrito literário. Para Philippe Willemart, fenômenos tão diferentes como a literatura, a diferenciação e a criação de espécies biológicas, o surgimento de planetas e estrelas e o discurso crítico do analisando no divã seriam regidos pelas mesmas leis. Aparentemente, procurar esse padrão universal de criação seria próximo a procurar um substituto

de Deus, uma explicação por trás de todas as coisas, não aceitar que estamos em um mundo em que nem tudo está ligado entre si por uma força ou uma lógica comum.

Porém, a partir do improvável diálogo entre as ideias do biólogo Francisco Varela e Marcel Proust, o livro propõe outra forma de ver essas “leis comuns”, presentes no manuscrito e nas mais diversas teorias sobre a origem do universo e da vida. Por trás de todos esses fenômenos, da evolução das rãs ao *Big bang*, passando pela escrita de Proust, não estaria uma grande mão divina que daria a tudo a mesma ordem, mas o pequeno olho do pesquisador. Os fenômenos não se distinguiriam desse olhar que os ordena e, assim, olhares elaborados em

uma mesma época, em um mesmo mundo globalizado, poderiam se assemelhar, mesmo se os objetos observados são de natureza muito distinta.

O estudo do manuscrito reforça a ideia que se aplica a qualquer livro, seja a Bíblia, seja o Alcorão, seja o código civil. A verdade não está ligada ao conteúdo, como acreditam os ditos fundamentalistas, mas ao sujeito que lê, articula os pedaços e interpreta. A leitura é a interpretação, o que valoriza a singularidade de cada sujeito, questiona as soluções coletivas contrárias ao desejo de cada um e está na linha da descoberta freudiana¹.

A importância do olhar do pesquisador

pode ser observada também nos textos “contra” a autobiografia, nos quais Philippe Willemart propõe mostrar que o eu de hoje não é mais o eu de Rousseau, e que, de fato, hoje ele “não existe”². Mais uma vez, seu interesse é o olhar do sujeito, neste caso, pensadores da filosofia e da psicanálise (Lacan, Contardo Calligaris, Michel Serres e Paul Ricoeur), pontuados pelo narrador proustiano, e não mais um objeto, uma autobiografia em particular ou um conjunto de textos.

Assim, o suposto gênero autobiográfico não é o centro do seu interesse em sua materialidade, mas em sua possibilidade.

1. Willemart, Philippe. *Os processos de criação na escritura, na arte e na psicanálise*. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 64.

2. “O eu não existe: crítica à autobiografia” é o título provocador do terceiro capítulo da segunda parte do livro.

Em um mundo onde os pesquisadores – pensadores não concebem a possibilidade de um eu centralizador, como o de Rousseau, a narrativa centrada no eu, a suposta “autobiografia”, também não seria possível. Não importa se o objeto de fato existe, se ele é crítico de si próprio, se ele propõe formas híbridas. Ele simplesmente não é possível, já que a construção teórica que o fundamenta (o “eu”) não existe.

Mas nem todos os objetos são impossíveis. Claramente, para Philippe Willemart, a obra de Marcel Proust é possível, já que vários textos giram em torno de seus manuscritos. No entanto, o objetivo dos capítulos sobre Proust não é chegar a uma interpretação da obra, ou mesmo dos movimentos

da criação do autor. As rasuras e hesitações próprias da escrita, apesar de plasmadas na materialidade do manuscrito, não ocupam um lugar de um objeto, mas também de um sujeito. Sua função é dialogar com outros sujeitos que pensaram a escritura (Derrida, Valéry e Gracq, entre outros) e, a partir desse diálogo, chegar a uma grande explicação abstrata, válida para todos os processos de criação, a “roda da escritura”, conceito nuclear dos textos de Willemart, que ele não deixa de reelaborar desde 1999, no seu livro *Bastidores da criação literária*.

Mas afirmar que a roda da escritura é uma explicação do sujeito seria muito limitante. Não é um sujeito, são vários e ao mesmo tempo nenhum, já que ela pode

ser definida como uma dança dos diferentes sujeitos envolvidos na escritura: o escritor (instância biográfica), o *scriptor* (o autor que escreve), o primeiro leitor (que lê o que o *scriptor* escreve), e o autor (que assina um texto final). Como em qualquer dança, o sujeito está ali para mudar de lugar, para não ser o mesmo, para não ser definido a partir do lugar que ocupa.

Assim, vemos como Philippe Willemart, em *Os processos de criação*, passa novamente longe do suposto centro da atividade crítica – especialmente na Universidade de São Paulo – a primazia do objeto. Porém essa negação do objeto traz como consequência lógica a eliminação – ou talvez a explosão – do sujeito. Na roda da escritura, o sujeito se

estilhaça: ele não só se transforma em vários sujeitos, mas em vários sujeitos que só podem ser apreendidos porque não são mais o que eram antes.

Sinto-me novamente frente ao *Aleph*, que tal como a roda de escritura, também era circular no conto de Borges: uma pequena esfera iridescente, de fulgor intolerável, aparentemente giratória, mas cujo movimento era uma ilusão produzida pelos vertiginosos espetáculos que continha. Não é a explicação de um objeto, não é a explicação de um sujeito, é a explicação de como se relacionam todas as instâncias da escritura, de como todos os objetos literários são produzidos, todos os sujeitos transformados.

Depois de ter visto o *Aleph* no sótão da casa de

um amigo, a personagem Borges se despede e, ao se ver na rua, no metrô, nas escadas de Buenos Aires, sente que todos os rostos são familiares porque já os viu. Ele teme que não reste uma só coisa no mundo capaz de surpreendê-lo. Depois

de ver o universo da criação literária contido na roda da escritura, resta-me saber se é ainda possível surpreender-se com uma escrita, com uma obra, com um manuscrito, com uma crítica.

Comentário